

# “Irmãos ou invasores”? Imigrantes venezuelanos em respostas sociais no YouTube

“BROTHERS OR INVADERS”? VENEZUELAN IMMIGRANTS IN SOCIAL RESPONSES ON YOUTUBE

L *Liliane de Lucena Ito*<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6648-9078>

(Professora doutora da Universidade do Sagrado Coração, Curso de Jornalismo, Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas. Bauru-SP, Brasil)

Recebido em 31/03/2019. Aprovado em 30/05/2019.

## Resumo

A imigração venezuelana no Brasil motiva opiniões díspares em variados ambientes digitais. Neste trabalho, investigam-se manifestações de usuários pós-recepção sobre a reportagem hipermédia Fuga para o Brasil. Após revisão bibliográfica, aplica-se a metodologia proposta por Braga (2006) a um corpus de 376 comentários sobre vídeo da edição. Entre os resultados, notam-se rupturas importantes entre produção e recepção, que se acentuam devido à estratégia transmídia de distribuição e à polarização política dos usuários.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Mídiação. Respostas sociais.

## Abstract

Venezuelan immigration in Brazil has motivated disparate opinions in various digital environments. In this work, we investigate manifestations of post-reception users about the hypermedia reporting Fuga para o Brasil. After a bibliographic review, the methodology proposed by Braga (2006) is applied to a corpus of 376 comments on video extracted from the edition. Among the results, we note important ruptures between production and reception, which are accentuated by the transmedia strategy of distribution and the users political polarization.

**Keywords:** Journalism. Mediatization. Social responses.

## Introdução

A crise humanitária que tem acarretado a imigração de milhares de venezuelanos para países vizinhos, entre eles o Brasil, ganhou a atenção da mídia em nível nacional e internacional no penúltimo final de semana de agosto de 2018. Na infeliz ocasião, diversos habitantes de Pacaraima (RR) expulsaram venezuelanos a pedradas, queimando os pertences de quem já quase nada tinha. O estopim para o conflito foi uma tentativa de assalto no dia 17 daquele mês, quando alguns venezuelanos agrediram um comerciante brasileiro local.

A tensão entre venezuelanos e brasileiros, no entanto, não se limita a episódios pontuais de xenofobia extrema e nem teve início no conflito em Pacaraima. Há tempos, o assunto vem tomando conta de debates acalorados pró e contra a presença de venezuelanos no País. Amostras podem ser encontradas em opiniões públicas deixadas em mídias sociais, como o Facebook, ou em outros espaços virtuais, como áreas de comentários em notícias correlatas ao tema<sup>2</sup>. Além disso, a disseminação de *fake news*<sup>3</sup>, seja em aplicativos de conversação como o Whatsapp ou em mídias sociais, também tem sustentado posicionamentos polêmicos, mantendo o assunto em voga.

Mediador de problemáticas, o jornalismo é a fonte para muito do que se fala sobre a questão venezuelana atual. Para Giddens (1991), os meios de comunicação facilitam o acesso da sociedade como um todo a sistemas abstratos, ou seja, traduzem complexidades muitas vezes distantes ou herméticas ao público em geral. No entanto, deve-se levar em consideração a contribuição de Verón (2004) quando este salienta o caráter disjuntivo entre as gramáticas de produção e as gramáticas de recepção, que faz com que a circulação do significado de uma mensagem seja estruturalmente rompida. Em outras palavras, por mais que o jornalismo seja um mediador essencial, nem sempre o que se veicula é corretamente compreendido (ou idealmente assimilado) por aquele que entra em contato com tais produções.

Marcondes Filho (2014) considera que a comunicação efetiva, no jornalismo, só se realiza por meio da reportagem, gênero capaz de provocar atritos internos, tirando o receptor do lugar-comum, incitando-o a pensar, a se colocar no lugar do outro, a abrir-se à alteridade, fazendo-o compreender realidades que até então sequer haviam sido pensadas.

<sup>2</sup> Para uma amostra pequena, ver: < <https://bit.ly/2xHEN4I> >; < <https://bit.ly/2Nu3n3V> >. Acesso em: 31 mar. 2019.

<sup>3</sup> Como argumenta o jornalista Mauro Donato, articulista da Carta Capital. Disponível em: < <https://bit.ly/2QIply9> >. Acesso em: 12 mar. 2019.

Realmente, no decorrer da História, é a apuração detalhada e profunda da reportagem que possibilitou a derrubada de líderes máximos de governo ou a mudança da opinião pública diante de guerras, por exemplo.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar manifestações espontâneas de usuários pós-recepção, com vistas a compreender aspectos referentes ao terceiro sistema – o de interações sobre a mídia – acerca da reportagem *Fuga para o Brasil*<sup>4</sup>, publicada em janeiro de 2018 dentro da série de reportagens hipermídia TAB, veiculada pelo portal UOL. A edição é o relato imersivo de um repórter que conviveu com imigrantes na capital roraimense e que traz, inclusive, relatos de venezuelanos em primeira pessoa.

O percurso metodológico deste trabalho se inicia com revisão bibliográfica sobre conceitos da teoria da midiatização, bem como sobre a definição de transmídiação e de reportagem hipermídia, num segundo momento. Em seguida, aplica-se a metodologia proposta por Braga (2006) a um *corpus* de mais de 370 comentários radicados no YouTube sobre vídeo extraído da reportagem em questão. Entre os resultados principais, percebe-se haver rupturas importantes entre produção e recepção quando é utilizada estratégia transmídia de distribuição de conteúdo. Além do mais, constata-se de maneira efetiva a natureza diferida e difusa das interações sociais sobre a mídia, o que é natural da sociedade midiatizada.

## O papel central da mídia

Se o profícuo mapa noturno de Martín-Barbero (1997) propunha inverter, nos estudos de Comunicação, a perspectiva da indagação “o que os meios fazem com as pessoas?” para perguntas sobre “o que as pessoas fazem com o que os meios lhes apresentam?”, atualmente, talvez a principal questão que orienta teóricos cujo enfoque se dá na midiatização da sociedade seja “o que as pessoas fazem com os meios?”.

A evolução das investigações relaciona-se, diretamente, à evolução de tecnologias de comunicação e informação, bem como a transformações sociais de ordem ampla que têm impactado a sociedade nas últimas décadas. Neste cenário, a mídia ocupa papel central nos mais variados processos sociais. De fato, o segundo mapa proposto por Martín-Barbero, em 2004, já se torna bastante próximo de conceitos trabalhados por teóricos que se dedicam a compreender a midiatização da sociedade enquanto uma nova forma de sociabilidade, atrelada a uma lógica midiática (BARROS, 2012).

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <https://tab.uol.com.br/crise-venezuela> >. Acesso em: 30 mar. 2019.

Fausto Neto (2008) lembra que, neste cenário, as mídias se convertem em uma complexa realidade, uma espécie de nova ambiência na qual há uma afetação mútua entre mídias, ao passo em que estas também determinam práticas sociais, estando posicionadas no cerne de seu funcionamento.

Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a “cultura da mídia”. Sua existência não constitui fenômeno auxiliar, na medida em que as práticas sociais, os processos interacionais e a própria organização social, se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações (FAUSTO NETO, 2008, p. 92).

O pensamento de Sodré (2002) sobre midiatiza  converge com as ideias de Fausto Neto. A ele, interessa o estudo do surgimento progressivo de um novo tipo de sociedade, baseada na tecnocultura e no capital. Tal sociedade   virtual, paralela   sociedade real, palpável. A nova ambiência apontada por Sodré converge com o conceito de midiatiza  e   batizada como *bios midiático*. Sua atua    decisiva ao transformar nossas formas de pensar e de viver em sociedade.

O bios midiático   uma consequência da evolu    dos meios e de sua crescente rela    junto aos processos sociais tradicionais. Historicamente, insere-se em um momento em que consumo e tecnologia adquirem papéis fundamentais para as sociedades.   concomitante, então, ao ponto em que “[...] o objeto (tanto o colossal empilhamento dos produtos de consumo quanto o desenvolvimento vertiginoso das máquinas eletr nicas e das telecomunica es) alcança uma posi    poderosa e inédita frente   ordem clássica do sujeito” (SODRÉ, 2002, p. 238).

O bios midiático   impulsionado pela (como também atua em prol da) atual etapa do capitalismo, financeiro e globalizado, em que a informa      o elemento-chave. Assim, midiatiza , para Sodré, traz declaradas implica es  ticas e políticas, uma vez que o estabelecimento de um quarto bios, relativo às imagens refletidas pela m dia, está sempre em fun    da tecnologia e do mercado.

Pode-se compreender, a partir das ideias de Sodré, que midiatiza  implica caráter potencialmente perigoso para a sociedade, pois está atrelada a interesses do capital. Hjavard (2012), por sua vez, defende que o processo de midiatiza , *a priori*, não deve ser encarado nem como positivo ou negativo para a sociedade. Já as ideias defendidas

por Braga (2006), no que concerne às respostas sociais sobre a mídia, podem indicar posicionamento de nuance mais simpática ao fenômeno da midiatização na sociedade contemporânea, por significar a possibilidade de uma multivocalidade sobre a (e que se utiliza da) mídia para livre expressão, algo que, até a chegada das tecnologias interacionais de comunicação, era bastante dificultado.

Para Braga, a sociedade sempre direcionou objetivos aos meios de comunicação, além de atribuir sentido social a seus produtos midiáticos. Assim, os meios e os produtos são ressignificados pelo uso que se faz deles. Seu enfoque sobre a midiatização enquanto dinâmica interacional de referência (BRAGA, 2007) está relacionado aos processos interacionais cotidianos sobre a mídia (e também *para e através* da mídia). Braga considera, assim, que a “abrangência dos processos midiáticos, na sociedade, não se esgota nos subsistemas de produção e de recepção” (BRAGA, 2006, p. 21). Deve-se, então, superar a visão dualista entre mídia e sociedade, pois a sociedade midiatizada age via mídia, e não apenas *sofre* a mídia.

Propõe, dessa forma, um terceiro sistema, ao lado dos habituais sistemas de produção e de recepção midiática. Seria o *sistema de resposta social*, que corresponde a atividades de resposta produtiva e direcionadora da sociedade em interação com os produtos midiáticos. Ou seja, relaciona-se à voz ativa dos receptores que, agora, são também produtores atuantes e críticos em relação à mídia. Para o autor, a midiatização da sociedade “corresponde a viabilizar acesso posterior e a ampliar o escopo e a abrangência das mensagens, tornando-as diferidas e difusas” (BRAGA, 2006, p. 22-23). A característica em ser diferida e difusa é marcante na sociedade midiatizada, uma vez que a resposta social é processual, pois ocorre após a emissão e a recepção, bem como circula de maneira expandida (difusa), e é prolongada no tempo (diferida). Assim, para Braga, é preciso observar o processo comunicacional de forma sistêmica, sinóptica, que vai da produção e recepção até à circulação posterior à recepção.

Apoiado em Maurice Mouilland, Braga (2006) coloca a ideia de *dispositivos sociais do sistema de resposta*. São locais, materiais ou imateriais nos quais necessariamente se inscrevem os textos, ou seja, matrizes que impõem formas específicas ao conteúdo. Entre eles estão fóruns, cineclubes, crítica jornalística e literária, além de produções acadêmicas sobre a mídia e processos de autocritica vindos da própria imprensa. A partir da análise da produção de tais dispositivos, centrada em três parâmetros essenciais: 1. o ponto de vista e as relações de proximidade e tensão entre o dispositivo e o objeto; 2. os objetivos e as razões por trás da crítica e 3. as interlocuções colocadas pelo dispositivo, é possível, segundo o autor, caracterizar as lógicas básicas do sistema de resposta.

Sobre os dispositivos sociais do sistema de resposta, Braga (2006) não oferece muito espaço àqueles radicados na internet. Entretanto, vale lembrar que isso ocorre não por descrédito ao meio ou descuido, mas pelo contexto de produção da obra, publicada há mais de dez anos, quando as mídias sociais ainda não haviam “explodido” como dispositivos sociais de resposta. Entretanto, o autor salientara, já naquele momento, existir potencial para que o sistema de resposta social se expandisse em ambientes on-line e em rede: “os processos informatizados de um site diluem as fronteiras entre espaço interno e espaço público (que assinalamos na autocrítica de jornais). O site se abre a vozes múltiplas, enquanto interlocutores no campo polêmico” (BRAGA, 2006, p. 132).

Fausto Neto (2008), inclusive, aborda que as novas ambiências interacionais são mesmo o ponto chave da midiatização. É na característica interacional que se marca a passagem da sociedade dos meios para uma sociedade em midiatização.

Uma designação econômica para diferenciar *sociedade dos meios* da *sociedade da midiatização* está no fato de que na primeira as mídias estariam a serviço de uma organização de um processo interacional e sobre o qual teriam uma autonomia relativa, face à existência dos demais campos. Na segunda, a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade. (FAUSTO NETO, 2008, p. 93)

Na sociedade em midiatização, a mídia desocupa o lugar de auxiliar para servir de referência que engendra o modo de ser da própria sociedade. Com a expansão da midiatização, “emissores” e “receptores” são colocados em uma mesma realidade, a de fluxos, podendo assumir papéis ativos em uma constante inter-relação. Nesse sentido, Braga (2006) lembra que as respostas sociais nem sempre estão fortalecidas em um discurso único, podendo vir a ter caráter difuso e esparso, caracterizando-se como pontuais. Entretanto, mesmo em casos do tipo, existe relevância nas interações sociais sobre as produções da mídia: “Que sejam vozes fracas e dispersas (se comparadas ao ‘discurso da mídia’), são, por outro lado, ou podem ser, muito mais diversificadas e fluidas que as da mídia e frequentemente concretas [...]” (BRAGA, 2006, p. 282).

## Do objeto: a reportagem hipermídia

Das primeiras experimentações jornalísticas na Internet até o cenário atual de produções altamente afinadas à convergência midiática e cultural, foram diversas as etapas do webjornalismo<sup>5</sup> definidas tanto pela tecnologia empregada quanto pelo uso social do meio em questão em cada momento, como definem Pavlik (2001), Mielniczuk (2003) e Barbosa (2008; 2013). Na terceira geração do webjornalismo, a hipermídia é a sua característica principal e definidora (PAVLIK, 2001).

De fato, a hipermídia corresponde a uma etapa mais avançada do webjornalismo, em que cada vez mais são produzidos hipertextos enriquecidos com vídeos, áudios, infografias animadas, entre outros elementos, que colaboram para o delineamento de uma fase em que técnica e discurso são aperfeiçoados e voltados à exploração das características próprias do meio Internet. Como afirma Scolari (2008), “o hipertexto sempre incluiu a hipermídia [...] estava destinado a conter e enlaçar não só documentos escritos, senão também fotografia, gráficos, sons e representações tridimensionais” (SCOLARI, 2008, p. 219).

A reportagem hipermídia escolhida para análise foi publicada em 29 de janeiro de 2018. Intitulada *Fuga para o Brasil*, é assinada pelo jornalista *freelancer* André Naddeo e mostra a situação de Boa Vista, que abriga milhares de imigrantes venezuelanos que cruzam a fronteira do país em busca de melhores condições de vida. Para desenvolver a reportagem, Naddeo trabalhou como voluntário por um mês no Ginásio Tancredão, que funciona como abrigo a imigrantes venezuelanos e que, segundo o texto, serve como habitação para 800 pessoas. O repórter frisa, logo no início do texto, ter experiência em situações do tipo, uma vez que trabalhou nas crises humanitárias de países como Grécia e Itália, além de ter convivido com refugiados africanos na Europa que fugiram do regime de escravidão na Líbia. Mesmo assim, a situação em Boa Vista fora impactante, em sua opinião: “[...] nunca havia visto um povo com tamanho grau de desnutrição e em condições de vida tão insalubres como os venezuelanos, que representaram 17 mil das 33 mil solicitações de refúgio que chegaram ao Conare (Comitê Nacional para Refugiados) em 2017”.

A angulação é claramente a de denúncia. Por meio da imersão do repórter na realidade dramática dos venezuelanos, mostra que falta muito – ou tudo – para que essas

---

<sup>5</sup> As nomenclaturas utilizadas para definir o jornalismo feito para ser publicado na Internet variam de autor para autor. Aqui, optou-se pelo termo “webjornalismo”, utilizado por diversos pesquisadores brasileiros e portugueses.



pessoas vivam de maneira digna no Brasil. É estruturada com texto, infográfico, um vídeo, galerias de fotografias e depoimentos em primeira pessoa de seis venezuelanos.

Pelo fato de ser “fechada”, no sentido de não oferecer espaços dentro da página para *feedback* de usuários, o subsistema de produção do *TAB* distribui a reportagem em outros ambientes, em uma espécie de estratégia transmídia na qual se ampliam os pontos de acesso à narrativa principal. Sobre o conceito de jornalismo transmídia, Renó (2014, p. 5), defende que “[...] transmídia é uma linguagem contemporânea e social construída por vários conteúdos através de diferentes mídias com significados independentes, mas coletivamente oferecendo um novo significado”. Para o autor, no jornalismo transmídia a interação e a participação dos usuários tornam-se fatores essenciais. No caso da estratégia transmídia adotada pelo *TAB*, esta consiste na publicação de excertos das reportagens, como vídeos, fotos, gráficos e/ou *newsgames*, geralmente nos perfis oficiais do Facebook e/ou do YouTube. É nestes canais em que se observa a circulação pós-recepção de respostas sociais sobre as edições do *TAB*.

Jenkins (2008, p. 135) explica que histórias transmidiáticas são acessíveis sob múltiplas formas: “Cada acesso à franquia deve ser autônomo [...]. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo”. No jornalismo, certamente, há diferenças, uma vez que o objetivo não é o da expansão do universo criativo de uma história; entretanto, a variedade de pontos de acesso à produção jornalística também tem grande importância. Apesar de inovadoras e atraentes em sua forma e conteúdo, as reportagens hipermídia precisam, assim, circular por outros ambientes on-line e aproveitar a hiperdistribuição das mídias sociais (COSTA, 2014), sob o risco de tornarem-se invisíveis para muitos usuários quando isso não ocorre.

## Procedimentos metodológicos

No caso das reportagens veiculadas pelo *TAB*, há dois pontos de acesso alternativos principais, o Facebook e o YouTube. Neste trabalho, optou-se pela seleção do YouTube e sua área de comentários como dispositivo de crítica midiática. O canal do *TAB* no YouTube existe desde junho de 2016 e conta com 105 vídeos e 411432 visualizações<sup>6</sup>. O conteúdo publicado é composto por vídeos extraídos das reportagens hipermídia, adicionados a uma breve descrição e ao link que direciona à edição de onde o material se origina.

<sup>6</sup> Até o fechamento deste artigo, em 31 de março de 2019.



O vídeo *A História da Crise na Venezuela*, com duração de 6'16", é parte da reportagem em questão e foi postado no YouTube na data de publicação da mesma. A coleta de dados do *corpus* de 376 comentários foi feita em dois momentos, como pode ser visto a seguir:

**Tabela 1** - Evolução nas métricas sobre o vídeo *A História da Crise na Venezuela*

Data de coleta	Visualizações	Comentários	Curtidas positivas	Curtidas negativas
14 abr 2018	28906	331	513	21
14 ago 2018	38059	376	680	27

Fonte: elaborada pela autora.

Para analisar a área de comentários como dispositivo de crítica de mídia, foi preciso trabalhar em duas etapas, com quatro meses de diferença entre elas. A primeira coleta foi feita em 14 de maio de 2018<sup>7</sup>. A segunda foi realizada em 14 de agosto, onde repetiu-se os procedimentos da primeira etapa<sup>8</sup>, com atenção a possíveis mudanças no conteúdo trazidas por novas mensagens ou mesmo a uma inclinação maior a uma ou outra categoria explicitada no **Quadro 1**.

O procedimento foi o seguinte: nas duas coletas, todos os comentários foram lidos e, conforme o conteúdo das postagens dos usuários, foram traçadas seis categorias distintas, de caráter qualitativo. Em seguida, uma segunda leitura foi realizada, com o objetivo de testar as categorias previamente traçadas, bem como de encaixar os posts em tais categorias. Assim, dentro do *corpus* de 376 comentários analisados, emergiram os seguintes conteúdos:

**Quadro 1** – Categorias emergentes de comentários sobre o vídeo em questão

NOME DA CATEGORIA	CONTEÚDO DA MENSAGEM
Mídia parcial	Posts nos quais os usuários referem-se à mídia (ao <i>UOL</i> ou à imprensa em geral) como sendo parciais, ou seja, inclinada a posicionamentos políticos ou mesmo a partidos políticos específicos
Contra Esquerda	Mensagens nas quais a crise humanitária da Venezuela é atribuída a regimes de governos de esquerda; tais posts são, portanto, contra a esquerda em geral

<sup>7</sup> A leitura e categorização dos dados teve início às 8h e término às 17h45, com pausa entre as 12h15 às 13h45.

<sup>8</sup> Neste segundo momento, o trabalho foi realizado das 8h45 às 11h50.

Contra EUA	Em tais posts, os usuários defendem que a crise da Venezuela acontece devido a sanções econômicas dos EUA; também entram aqui posts que mostram alinhamento ao regime de Nicolás Maduro
Compaixão	Nesta categoria, encontram-se os comentários de usuários que se compadecem diante da situação dos venezuelanos mostrada no vídeo. Não há menção a temas políticos
Discurso de ódio	Atacam a emigração venezuelana para o Brasil (por meio de xingamentos, intolerância, discurso de ódio, xenofobia). Também não é abordada a emigração a partir de polaridades políticas
Propaganda política	Usam o espaço de comentários do vídeo em questão para defender Jair Bolsonaro como presidente do País nas Eleições de 2018; no geral, também são contra a esquerda, contra os imigrantes venezuelanos e, em alguns casos, a favor da ditadura militar

Fonte: elaborado pela autora

Após a leitura e categorização das mensagens, aplicou-se a metodologia de Braga (2006), que busca caracterizar as lógicas do sistema de resposta social (explicitada no início deste artigo) a cada uma das categorias emergentes, cujo resultado encontra-se a seguir.

## Discussão dos resultados

Observando-se a evolução das métricas expostas no Quadro 1, é possível afirmar que a natureza diferida e difusa das respostas sociais se confirma. Ou seja, a circulação das respostas sociais realmente aconteceu de forma processual, sendo então prolongada no tempo (diferida) e sem limitações espaciais (difusa), em consonância ao que defende Braga (2006). Tal constatação se deve ao fato de que, em quatro meses, o número de visualizações do vídeo cresceu em quase dez mil novos *views*. Quarenta e cinco novos comentários foram criados no mesmo intervalo de tempo. Assim, enquanto dispositivo de crítica midiática, a área de comentários do YouTube ou de mídias sociais como o Facebook, apresenta a vantagem de tanto concentrar respostas sociais de usuários – antes dispersas em diversos outros dispositivos ou, muitas vezes, nem mesmo mediadas – quanto a de registrar a evolução do alcance da mensagem.

Outro ponto mais geral dentre os resultados é o fato de que todos os comentários do YouTube não mencionam, especificamente, a série de reportagens hipermídia *TAB*.

Existe total ignorância em relação à origem acurada do vídeo, o que em si já revela que a estratégia transmídia de distribuição de conteúdo, que busca expandir pontos de acesso à narrativa principal, apresenta falhas. Nenhum usuário afirma, nos comentários, ter acessado a reportagem na íntegra, mesmo com o *link* para a mesma disponível na descrição do vídeo.

**Figura 1** - Cena inicial do vídeo



Fonte: captura de tela

Adentrando a análise das seis categorias elencadas, sobre as opiniões de usuários, apenas duas das mais de trezentas refere-se ao *UOL*. Ambas vêm de pessoas que consideram o portal um veículo de esquerda. São diferentes, entretanto, porque um considera, com surpresa, o fato de que o vídeo sobre a crise na Venezuela contradiz, em sua opinião, uma suposta postura habitual do veículo em enaltecer governos de esquerda. Outro, muito mais curto, sequer se dá conta de que a angulação do vídeo é denunciativa e, rapidamente, acusa o *UOL* como apoiador de ideologia política de esquerda, como se vê a seguir<sup>9</sup>:

**Usuário 1:** Como é que é? O *UOL* esquerdista fazendo uma matéria denunciando a ditadura bolivariana na Venezuela?! Não acredito. [...]

**Usuário 2:** Essa é a esquerda que o *UOL* defende.

Não há, portanto, crítica mais contundente em relação à produção midiática em si – sobre o que se fala, como são tratadas as informações, quem são os entrevistados, por

<sup>9</sup> Todos os comentários foram transcritos literalmente, sem a correção de erros ortográficos ou gramaticais.

exemplo, tanto no vídeo quanto na reportagem. Também não há, vale frisar, em nenhum momento, intervenção de qualquer tipo na área de comentários por parte da redação do *TAB* no YouTube.

A mídia em geral é evocada com frequência. Há uma descrença visível em relação à imparcialidade dos veículos jornalísticos. Muitos atrelam diretamente a mídia a partidos de esquerda ou ao comunismo/socialismo. Dentro deste reduto radical de opiniões, ocorrem momentos de conversação entre usuários com sentimentos afins:

**Usuário 3:** Quando que a imprensa brasileira dirá a verdade??? A maior parte da imprensa é PTista ou simpática à esquerda. Por isso omitem. Na verdade, imprensa não omite, esconde. Não existe crise na Venezuela. Existe socialismo. E não existe mais imigrantes. Eles são refugiados. Fugidos da fome, da perseguição e da opressão de um governo que é apoiado por PT, PSOL, PCdoB, PSB, PDT, MST, MSTs, UNE, UJS e todas as demais organizações esquerdistas no Brasil.

**Usuário 4:** *Usuário 3*, É isso mesmo toda vez que assisto um telejornal e começam a debater sobre a Venezuela eles nunca mencionam a palavra (comunismo) sempre dizem que o que está acontecendo na Venezuela é só uma simples “crise social” Esses repórteres e formadores de opinião pensão que somos otários quem acredita nessa baboseira toda que a mídia brasileira conta sobre a Venezuela é só os idiotas petistas que defende o ladrão Lula!!!

Por trás de uma conversação como esta, observa-se a disjunção entre produção e recepção presente no processo de circulação definido por Verón (2004, p. 53): “De fato, a circulação, no que diz respeito à análise dos discursos, só pode materializar-se sob a forma, justamente, da *diferença* entre a produção e os efeitos dos discursos”<sup>10</sup>. O audiovisual mostra a situação dramática dos venezuelanos em meio a falas populistas de Nicolás Maduro. As imagens alternam o depoimento dos venezuelanos e cenas de protestos ocorridos na Venezuela. Não se trata, de forma alguma, de um vídeo que enalteça o governo de Maduro, como é possível ver logo na sequência inicial de imagens:

<sup>10</sup> Grifo do autor.

**Figuras 2 e 3** - Sequência de cenas mostra a revolta de parte da população venezuelana em relação ao governo de Nicolás Maduro



Fonte: captura de tela

Assim, os comentários deixados em relação ao vídeo estão totalmente descolados de seu conteúdo. Não se configuram como respostas sociais à mídia, estando muito mais próximas de conversações informais cujo objetivo é pura e simplesmente criticar posicionamentos de governos de esquerda, encarnados especialmente na figura do Partido dos Trabalhadores e do ex-presidente Lula aqui no Brasil.

Entretanto, há também aqueles que, em número extremamente menor, atribuem a crise na Venezuela a embargos econômicos dos Estados Unidos. Nestes, aparentemente o ponto de vista é favorável ao governo venezuelano. Ainda assim, também há crítica à mídia em geral:

**Usuário 5:** Por que eles não citam que o governo subsidia alimentos, gás, água, e luz, além de estar construindo 5 milhões de moradias e vários projetos em andamento em prol da população? Porque não citam que o governo sofre sanções dos EUA e da UE e muitas das mercadorias subsidiadas estão sendo roubadas por meliantes, por isso o desabastecimento. Mídia patética, parcial que só idiotiza as massas, colocando pessoas umas contra as outras. “A imprensa pode causar mais danos que a bomba atômica. E deixar cicatrizes no cérebro.” Noam Chomsky.

Num primeiro momento, apesar de não se referir diretamente ao *UOL* ou ao *TAB*, o objetivo do comentário é o de criticar uma suposta parcialidade do produtor do vídeo (“*Por que eles não citam [...]*”). Entretanto, ao final, há uma generalização que vai ao encontro dos comentários há pouco observados, que é o de apontar a mídia em geral como culpada por ser imparcial. Seja “a serviço” da esquerda ou da direita, a mídia é considerada vilã, na opinião de tais usuários que se manifestaram em relação à crise humanitária na Venezuela.

Nestes comentários, no geral, a posição dos emissores é a mesma: pessoas que tiveram algum tipo de contato com o vídeo e que se encontram fora do subsistema de produção. A interlocução também é semelhante: as mensagens buscam ecoar entre usuários que acessam o mesmo ambiente *on-line* e os objetivos, mesmo no caso de usuários de ideologias distintas (contra ou a favor da esquerda política), são também o mesmo: atacar a mídia sob a acusação de que esta manipula a população. Apesar da diferença contundente de posicionamentos ideológicos, entre os usuários que defendem ou não o governo de Maduro é similar também a interpretação do vídeo. Naqueles que atacam, mesmo com imagens contundentes da crise venezuelana, há uma cobrança em relação à imprensa acerca de termos utilizados na reportagem (“*Não existe crise na Venezuela. Existe socialismo. E não existe mais imigrantes. Eles são refugiados*”), ou seja, para estes, a imprensa usa de eufemismos para proteger seu suposto posicionamento de esquerda. E, no caso de um dos únicos comentários que defendem o governo de Nicolás Maduro, a interpretação também é a de que o vídeo esconde informações – desta vez não por trás das palavras utilizadas para se referir à situação na Venezuela, mas pelo fato de deixar de citar os benefícios do regime de governo venezuelano. Dessa maneira, apesar de essencialmente díspares em suas opiniões, há uma aproximação muito grande de comunicações de usuários que acusam a mídia nos três parâmetros indicados por Braga (2006): pontos de vista; objetivos e interlocuções.

Afora as mensagens que criticam a mídia, o grupo de comentários com mais incidência é aquele que mostra a opinião dos usuários sobre a emigração dos venezuelanos ao nosso País. Assim como na ideia de *punctum*, de Barthes, conforme os afetos de cada usuário, a mesma mensagem – no caso, o vídeo sobre os venezuelanos em Boa Vista – desperta sensações distintas em cada indivíduo. Do *corpus* de comentários, pode-se separá-los em duas grandes searas: aqueles que, ao assistir ao vídeo, se compadeceram em relação à precária realidade vivenciada pela população imigrante, e os que não mostram qualquer tipo de compaixão e, em alguns casos, revelam até mesmo ódio, repulsa ou preconceito. No caso destes últimos, há um volume muito maior de usuários com a mesma opinião. Os poucos que se indignam com a situação desumana e/ou apoiam a vinda dos venezuelanos ao país não chegam a quinze usuários. Alguns exemplos de comentários pesarosos em relação ao drama dos venezuelanos estão a seguir:



**Usuário 6:** Os nossos irmãos Venezuelanos precisam de nosso apoio nesse momento. Se o povo brasileiro não abrir olhos logo estaremos vivendo essa mesma situação elegendo essas ditaduras populistas.

**Usuário 7:** Vamos apoiar aos nossos irmãos venezuelanos.

**Usuário 8:** Temos que ajudar o povo da Venezuela pois são nossos irmãos.

Os objetivos de tais comentários é a expressão de tristeza e pesar sentida pelos usuários após assistirem ao vídeo. O uso da expressão “irmãos venezuelanos” revela um *critério* comum aos comentários: o de que é preciso valorizar ideais humanitários não importam fronteiras geográficas, econômicas, políticas e culturais. Não há motivações relacionadas a um controle ou crítica sobre o produtor de conteúdo e, em relação aos interlocutores, alguns evocam, de maneira muito generalizada, o povo brasileiro e a nação brasileira. Obviamente, a interlocução real fica circunscrita somente aos usuários que tiveram contato com o vídeo e/ou com seu ambiente on-line de conversação.

Também patrióticas, entretanto com objetivos totalmente distintos, são as mensagens contrárias à vinda dos venezuelanos ao país. Nestes, é comum a ideia de que o Brasil “é dos brasileiros”, ou de que já há problemas suficientes no país, como sintetiza o comentário do usuário 9: “Manda embora. O Brasil já tem 45 milhões de desempregados. Quem quer apoiar isso que leve pra sua casa um venezuelano. Povo brasileiro em primeiro lugar”. Os comentários com teor semelhante seguem a mesma lógica de pensamento: se já há problemas no Brasil, por que arcar com questões de um país vizinho?

No embalo das indignações acerca da imigração venezuelana em Boa Vista, não faltam discurso de ódio, xingamentos, palavras de baixo calão e, em alguns momentos, brigas entre usuários. Em mensagens do tipo, a discussão é inflamada e chega a ser longa (uma delas chegou a 30 comentários trocados), porém, configura-se como vazia e infantilizada. Se não há acordo entre as opiniões, recorre-se rapidamente a ofensas.

O fato de este ser um ano eleitoral também suscita comentários que visam atrelar o problema da Venezuela a políticos no país (principalmente a Lula), além de promover um candidato em específico: Jair Bolsonaro, como se vê a seguir:

**Usuário 10:** Em breve entraremos do mesmo jeito Ciro Gomes Marina Dória Alkimim e outros comunistas socialismo isso é uma mensagem agora sim vai uma pergunta na tal ditadura militar que tivemos avia família indo para outros países?? Em 2018 esquerda vai estar no Brasil governando? Bolsonaro Presidente urgente!!! A única forma de mudar o país



Jair Bolsonaro é conhecido por seus diversos posicionamentos radicais de extrema direita e por ser simpatizante da ditadura militar. Na mesma linha de Bolsonaro, outros usuários, mesmo que não façam apologia direta ao candidato, demonstram simpatia por seu posicionamento em relação à ditadura:

**Usuário 11:** nunca houve “ditadura militar” no Brasil! Isso é o que comunistas MENTIROsos CANALHAS inventaram pra se “vitimizar”! O que houve foi governos de PRESIDENTES MILITARES que tiveram que assumir o poder afim de EVITAR que o Brasil fosse dominado por COMUNISTAS que queriam (e ainda querem) transformar o Brasil numa DITADURA REAL (e comunista)

Neste tipo de comentário – que apoia a ditadura – a posição dos emissores é a mesma: encontram-se no subsistema de respostas sociais, apesar de não haver a certeza de que tenham assistido ao vídeo completamente. Não exprimem opiniões seja sobre o produto midiático ou sobre o seu conteúdo, mas, mesmo assim, com o objetivo de defender os governos militares no Brasil, buscam interlocutores no ambiente de comentários do vídeo. A julgar pela interpretação dada à situação da Venezuela, têm por objetivo atacar governos de esquerda sob a justificativa de que são corruptos e incompetentes. Além disso, mostram uma versão tendenciosa da história recente do Brasil, ao afirmar que não houve “ditadura”, mas sim regimes militares presidenciais, nos quais não havia, aparentemente, problemas.

## Considerações finais

Como foi possível perceber, apesar do alto número de comentários, são poucos aqueles que de fato parecem ter compreendido corretamente a angulação das informações mostradas no vídeo: a de denúncia de situações precárias dos imigrantes venezuelanos no País. Deve-se ter em conta que o conceito de circulação de significados, enquanto disjunção entre recepção e produção, em si já é capaz de explicar a diferença observada empiricamente. Por outro lado, tal ruptura se acentua devido ao fato de que nenhum dos usuários que deixaram mensagens cita ter tido contato com a reportagem na íntegra, o que demonstra que, apesar de o YouTube ser um ponto de acesso alternativo à mesma, numa evidente estratégia transmídia de distribuição de conteúdo, nem sempre isso funciona da forma ideal.

Arrisca-se dizer que, quando se trata de excertos transmídia, há espécies de *subsistemas de recepção transmídia*, o que significa que a qualidade das respostas sociais estará diretamente atrelada ao subsistema em questão: se há a recepção do material completo, potencialmente existirá mais profundidade no entendimento da mensagem. Se isso não ocorre, as interações sobre a mídia tenderão a ser equivalentes: mais enfraquecidas e descoladas de seu contexto, nem sempre se configurando como respostas sociais críticas.

É inegável, assim, a fragilidade do dispositivo de crítica em questão. Conforme a investigação, poucos usuários demonstram capacidade interpretativa e constroem comentários sensatos, corretamente direcionados ao subsistema produtivo ou, quando apontados para o subsistema de recepção, que sejam capazes de estimular reflexão. Uma das razões para isso certamente está nos diferentes níveis de resposta social atuando no mesmo espaço, como fora apontado, mas outras razões, certamente, correspondem à característica das mídias sociais: gratuitas e altamente populares, contêm perfis heterogêneos de usuários, nos quais elementos como a escolaridade, gênero, condições financeiras, crenças pessoais, entre outros, são bastante distintos.

Atentando para o fato de que este artigo, de forma alguma, se propõe a esgotar a questão a qual se debruça, vale lembrar que, apesar da fragilidade do dispositivo crítico em questão, espaços como esses, que agregam comentários públicos em mídias sociais, são relevantes devido à sua facilitada acessibilidade. Sites de rede social são ambientes extremamente populares dentro do complexo ecossistema midiático atual e o que se produz neles – apesar de, muitas vezes, não se configurar como crítica sobre a mídia – precisa ser observado como um indicativo relevante acerca de questões ainda mais amplas, como as profundas deficiências no setor educacional do país.

## Referências

BARBOSA, Suzana. **Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração**. Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line. FACOM-UFBA. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2M8emuy>. Acesso em: 2 set. 2018.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e *continuum* multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. **Notícias e Mobilidade**. O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. Covilhã, PT: Livros LabCOM, 2013. p. 33-54.

BARROS, Laan Mendes. Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JÚNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação e Midiatização**. Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 79-105.

BRAGA, José Luiz. Midiatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**: livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. Paulus, 2006.

COSTA, Caio Túlio. Um modelo de negócios para o jornalismo digital. **Revista de Jornalismo ESPM**, v. 9, 2014, p. 51-115.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, v. 1, n. 2, 2008, p. 89-105.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

HJARVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, 2012, p. 53-91.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Das coisas que nos fazem pensar**. O debate sobre a Nova Teoria da Comunicação. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. Edições Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. In: *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Editora UFRJ, 1997.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. 246f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia, Salvador, março de 2003.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

RENÓ, Denis Porto. Transmedia Journalism and the New Media Ecology: Possible Languages. In: RENÓ, Denis Porto et al (org). **Periodismo Transmedia: miradas múltiples**. Barcelona: Uoc, 2014. p. 3-19.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Hipermediaciones**. Elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva. Barcelona: Editorial Gedisa, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

VERÓN, Eliseo. **Fragments de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

<sup>1</sup> Professora e coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração (USC). É doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Comunicação Midiática e jornalista, também pela UNESP. Membro do GENEM (Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios). É autora de “A (R)evolução da Reportagem: Estudo do ciclo da reportagem hipermídia” (Ria Editorial, 2019) e “Músicos Independentes na Internet. Novas Lógicas de Consagração Artística” (Editora Appris, 2017). E-mail: lilianedelucena@gmail.com